



# **meteoro**

**Joana Egypto**

## Imagens | José Fernandes

(Detalhe: Organismo 2, 2013, acrílica s/ tela)

Polichinello

Tempos sombrios velados pela permanência dos castigos e pulverização da polícia, em cada um. Há uma retração conservadora de condutas e práticas que se fortalecem sobre o discurso da legitimidade jurídica de seus anseios e opiniões. A insistência sobre o modo representativo de lidar e produzir políticas organiza pautas e efetiva a continuidade de reformas que asseguram a manutenção da propriedade e aprimoram modelos de desenvolvimento falidos. No aprimoramento de tal suporte faz-se indispensável o uso do aparato institucional, covarde e truculento da polícia militar que intervém, com a desproporcionalidade instrumental de suas armas, a favor da permanência de um Estado que, por sua vez, não cessa de incrementar e investir no sonho democrático de redenção sempre em vias de se concretizar. Atualmente, cartazes estampam as ruas: almeja-se intervenção militar. Imprimem-se rótulos imediatos que reproduzem uma cultura racista e ordinária. Torturas diárias aprofundam a cova de guerreiros esquecidos. Rebentam nas ruas – nas colunas de jornais, nos anúncios erguidos, nos roteiros da mídia, nos comentários de bares – pequenos fascismos que favorecem a “amarga tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 1996)

A perseguição por outro modo de combate mostra-se latente. Consecutivas manifestações têm ocorrido em diferentes cidades do Brasil, desde junho de 2013. Tanto as operações extremamente violentas empregadas pela covarde PM, em inúmeras manifestações, como o clima pacificador e carregado de ódio dos canarinhos nacionalistas, que posam selfies com a tropa de choque (haja vista o fatídico 15 de março e 12 de abril de 2015), provocam perplexidade.

### **Coração suspenso e olhos de sobressalto.**

Volto para casa e passo a madrugada ouvindo Belchior (especialmente os álbuns “Coração Selvagem” e “Alucinação”). Cheia do pó da estrada das roças e galopes de praças e esquinas, recorto imagens, colo palavras, reabro todas as cartas trocadas nos últimos sete anos e lá encontro outros estrondos e estardalhaços. O ouvido apita e leio restos de poemas rabiscados. Nada a salvo. A criança das inumeráveis Faixas de Gaza, o avanço dos desertos, Altamira, o menino, o drops, o DOPS na Luz e aquela horta, por fazer. Quase despenco, mas calada enfrento. Talvez fosse bom cantar mais, abusar dos cílios postiços e sombras azuis; arder algumas matilhas, mergulhar domingos a fio em aulas de

corde-e-costura com minha mãe, aprender origami. Mas antes disso, só consigo sujar com grafite os dedos, no exercício de fazer crateras com as palavras. Perco a exatidão de uma dança, na distância ano-luz de um salto.

Michel Foucault procede na realização de um diagnóstico do presente que tem como efeito ranhuras e atestação de falhas pelo estranhamento não apenas sobre aquilo que somos, mas também sobre aquilo que nos tornamos. A modernidade é apresentada por ele não somente como uma época histórica, mas também como uma atitude posta no presente. Neste ponto, abre-se a possibilidade da liberdade de recusa sobre aquilo que somos. E esta recusa põe diante de si um abismo, sobre o qual é necessário inventar uma ponte que pode durar uma vida inteira. Nietzsche já dizia em seu *Zaratustra* que “o homem é uma corda sobre o abismo”. A corda e o homem não são dados de antemão. É necessário que eles se inventem a partir de contingências, experimentações transitivas e, por vezes, de risco. Foucault ressalta em um de seus textos – *O que são as luzes* – trechos de poesias de Baudelaire (poeta do século XIX), e afirma que este se mostra capaz de provocar com seus escritos fissuras e falhas em sua época histórica.

O texto de Giorgio Agamben (2009), dedicado a pensar o contemporâneo, destaca especialmente a relação do poeta com seu tempo, ponto de fratura explícito relativo a uma vértebra rompida do primeiro com aquilo que pode atizar os fluxos sem ritmo preciso da história. O autor apoia o olhar na direção da escuridão e do silêncio gritante provocado pelo efeito dessa mesma fratura que, por sua vez, pode também ser entendida como um ponto em que se articulam encontros de textos e leitores que distam séculos uns dos outros. Porém, não deixam de realizar sopros fortes de existências na contemporaneidade.

Diante da quebra, a recomposição óssea é provocada pela sutura do sangue que, longe de ser utilizada como uma metáfora é obra do próprio desencadeamento orgânico do vivo para manter-se vivo frente à adversidade da fratura. Por conseguinte, procede a concepção de que o trabalho de dar forma a uma obra é conseguido mediante a sutura de uma quebra, de uma ruptura, de uma fratura. O trabalho irrompe em meio uma dor estranha, uma força irrefreável, um incômodo.

Agamben pontua que não apenas a “época-fera” tem as vértebras fraturadas, mas também o século recém-nascido que “com um gesto impossível para quem tem o dorso quebrado quer virar-se para trás, contemplar as próprias pegadas e, desse modo, mostra o seu rosto demente”. Demência do presente que apesar de finco, condensa temporalidades que distam e se aproximam constantemente, desencadeia percursos históricos e devires que não cessam de operar realizações de espaços e outras temporalidades.

Em “o canto noturno” Zaratustra, no meio da noite e frente às fontes que borbulham, reconhece-se como ser circundado de luz e com qualquer coisa insaciada e insaciável. Reconhece a frieza dos sóis para com outros sóis por seguirem, cada um, implacável e velozmente sua própria órbita. Segundo Nietzsche, são os seres escuros e noturnos, esgotados dos corpos luminosos, que criam calor. Já em “o canto do túmulo”, Zaratustra faz-se ao mar ao avistar silenciosa a ilha dos túmulos das visões e aparições de sua juventude e onde diz querer sempre levar verde coroa da vida. Nietzsche pontua, neste trecho, que quando Zaratustra quis dançar como nunca antes havia dançado, seus inimigos seduziram seu cantor preferido, que passou a entoar um horripilante canto fúnebre. “Somente dançando, sei falar em imagens das coisas mais elevadas; e, assim, ficou-me silenciada nos membros a minha mais elevada imagem” (NIETZSCHE, s/d., p. 125). Porém, ainda assim, Zaratustra permanece inatacável em seu próprio calcanhar onde sua *vontade*, expressa pela multiplicidade de forças postas em relação, pode caminhar com seus passos e com seus pés. Os calcanhares de Zaratustra abrem caminhos entre todos os túmulos

Inventar *uma* dança sobre túmulos: um corpo ovo não necessariamente fecundado ou fecundo. Durar a fim de desconfigurar moléculas constituintes do espaço, esgarçar fissuras no corpo-pensamento. Um ovo não como abrigo da origem, mas onde se distinguem gradientes de intensidades que desfavoreça certezas, precipitações, opiniões, pequenos fascismos. Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao longo do volume 4 de Mil Platôs, atentam para o fato de que o ovo não é regressivo, mas sim contemporâneo por excelência. O ovo traz consigo seu meio singular de experimentação e designa uma realidade intensiva diferenciada, onde ocorrem gradações, migrações e zonas de vizinhanças. O ovo também rompe, de certo modo, com a ideia de causalidade da vida em relação à morte, ou

seja, ele é um meio de experimentação onde os sinais de ambos se ajustam sobre constante e delicado desequilíbrio das forças em relação. No momento de rompimento da camada porosa de cálcio, talvez algum corpo posto a luz queira fazer mensurar-se frente ao caos de forças do mundo. Eclipses podem ocorrer.

Kuniichi Uno (2012), no decorrer de um de seus textos, faz emergir uma noção trazida por Jean Genet, sobre o ato de eclipsar. Trata-se, segundo ele, de um gesto de fazer desaparecer e ao mesmo tempo ressaltar um outro. Isto significa que o ato de eclipsar admite um jogo de luz e de sombra indissociável a dois ou mais corpos postos em relação a uma fonte de luz, seja ela qual for. Esse movimento de eclipse pode desestabilizar linearidades discursivas seja de narrativas ou do próprio pensamento.

A passagem de Zaratustra, pontuada acima, pode aproximar-se desse ato de eclipsar, no sentido em que, quando ele caminha por entre os túmulos onde estão enterradas “visões e aparições de sua juventude” e sendo ele um “ser circundado de luz”, há a partir deste encontro também um jogo de luz e sombras que acata multiplicidades de forças. Pode-se dizer que tais forças se empenham, do mesmo modo, em não gelificar forças da memória de um passado que entoa ladainhas e lamentações, mais sim no exercício de porosidade como a fina casca de um ovo junto ao obscuro trágico da morte e da vida do instante presente. Há uma condensação entre os tempos que afirma a potência do instante. O percurso de Zaratustra não se apresenta como modelo a ser seguido, não tem intuito de angariar discípulos. Com ele, vê-se o rastro de um meteoro, a invenção singular de uma ponte e de um “além-homem”, convalescente de seu tempo e, ao mesmo tempo, grávido de ranhuras e abismos.

Nos dias que correm neste início de século, a difusão desvairada de declarações, asserções e testemunhos insalubres que explicitam condutas fascistas de diferentes domínios, hoje definidos, tornou-se ordinária e, por vezes, estimada. Questiono sobre como afastar os posicionamentos execráveis e de lamúria. No embate contra o assombro paralisante, encontro-me com versos e reversos; revólveres de memórias, sprays de esquecimentos, balas de papéis de cartas, bombas de músicas, livros-fuzis e granadas de gente que detonam

densidades mórbidas. Em noite funda, experimento lançar pergaminhos ao mar e torço para que haja poesia para alcançar o dia.

Joana Egypto é pesquisadora do corpo e da cena. Nasceu no interior de São Paulo - São Luiz do Paraitinga - e integra a Outro, Outra Cia de Dança. Como intérprete criadora realizou trabalhos dirigidos por Tadashi Endo e Toshi Tanaka; Livia Seixas; Norberto Presta e Beatriz Coelho. Desenvolve trabalho solo: “onda em 7/4” (2010) e "canteiro de (s)obras" (2015). Canta, compôs algumas músicas e escreve poesias. Atua como artista educadora e estuda palhaço.  
[www.linhadeazulejo.blogspot.com.br](http://www.linhadeazulejo.blogspot.com.br)

---